

## THE BOOK AND COLOURS DESIGNED FOR EARLY CHILDHOOD

D. M. MARTINS, S. R. DA SILVA

Escola Superior de Design do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (Barcelos, Portugal)

Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Braga, Portugal)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7463-8010>[dmmartins@ipca.pt](mailto:dmmartins@ipca.pt)

Submitted September 11, 2024 - Accepted July 1, 2025

DOI: 10pts.15628/holos.2025.18419

## ABSTRACT

This brief study aims to reflect on the importance of early contact with books, particularly educational books centred on the theme of colours, designed for early childhood reading. The selection of the corpus sought to omit publications whose imagery is redundant and simplistic, in other words, whose discourse is impoverishing, prioritizing books whose relationship between text and image is apt for the construction and association of new aesthetic points of view. With the reading proposal, centred essentially on the graphic-

visual dimension, based on the collection «Des petits pop-up pour les petits mains», by Aurore Petit, the book *Rouge* (2018), by Marc Pouyet, and finally the book *Bleu comme une banane* (2023), by Delphine Chedru, the aim is to suggest a course of mediation with pre-readers or young readers that is particularly motivating for an attentive and analytical look at everyday life, which is essential for future critical thinking and for any process of sensitising the eye or educating for the image.

**KEYWORDS:** Children's Literature, Information Books, Imagery, Colours, Early Childhood.

## O LIVRO E AS CORES PENSADOS PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA

## RESUMO

Este breve estudo visa a reflexão em torno da relevância do contacto precoce com o livro, em particular, o livro formativo centrado na temática das cores, projetado para uma leitura na primeira infância. A seleção do *corpus* procurou omitir publicações cuja dimensão imagética se apresente redundante e simplista, ou seja, cujo discurso seja empobrecedor, privilegiando-se obras cuja relação entre texto e imagem se mostra apta à construção e à associação de novos pontos de vista estéticos. Com a proposta de leitura, centrada essencialmente na

dimensão gráfico-visual, avançada a partir da coleção «Des petits pop-up pour les petits mains», de Aurore Petit, do volume *Rouge* (2018), de Marc Pouyet, e, finalmente, do livro *Bleu comme une banane* (2023), de Delphine Chedru, procura-se, assim, preconizar um percurso de mediação com os mais pequenos especialmente motivador de um olhar atento e analítico do dia-a-dia, essencial ao futuro pensamento crítico e em qualquer processo de sensibilização do olhar ou de educação para a imagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura para a Infância, Livro Informativo, Imagiários, Cores, Primeira Infância.

## 1 INTRODUÇÃO

Assíduos, variados e regulares estímulos afetivos e lúdicos, por via, por exemplo, da metáfora e da linguagem poética, devem fazer parte do dia a dia da criança, na primeira infância. A família (e os primeiros cuidadores) e o bebê são desafiados, ao longo dos primeiros meses de vida, a lerem-se reciprocamente, como sublinha María Emilia López

sabemos que los niños muy pequeños aún no comprenden el sentido de todas las palabras, pero sabemos también que hay ritmos, expresiones, musicalidades, formas del decir que inmediatamente son percibidos y el niño muestra una respuesta hacia ello. Ese bagaje de gestos humanos con que los recibimos, cuando está cargado de sensibilidad, de afectividad constituye un “baño sonoro” para el bebé. El baño sonoro funciona como una envoltura que sostiene mental y físicamente a través de las palabras y de su ritmo, de un interés recíproco, del juego, de una empatía fundada en la afectividad (2018, p. 26).

Ao mesmo tempo, a figura cuidadora vê-se instigada, a partir do primeiro dia dessa relação vincular, a aprender a decifrar a linguagem desse bebê, como sustenta a mesma estudiosa, já que

(...) no es el bebé el único que tiene que aprender un nuevo lenguaje, el único que tiene por delante un idioma a descubrir. El niño también es un ser misterioso para el adulto, que debe aprender a “leer” un llanto, una dificultad para dormir, un juego que se repite, una demanda que no se entiende, los tiempos brevísimos de atención de un niño pequeño, un rostro de apatía, un gesto de movimiento incesante. El comportamiento de un bebé es su lenguaje. (2018, p. 27).

Estas trocas inaugurais, fortuitas e recorrentes, durante os momentos de zelo e/ou de brincadeira «(...) son actos de lenguaje que comienzan a ordenar el mundo y alimentan el apetito de comunicación del niño» (López, 2018, p. 35). Deste modo, desde cedo, o bebê mostra-se sensível à ludicidade e afetuosidade dos gestos, das carícias, das expressões do rosto materno (ou de outra figura da sua proximidade), da musicalidade das palavras e às entoações vocais<sup>1</sup> que frequentemente acompanham as rotinas, os cuidados e as primeiras interações entre o adulto e a criança, essenciais ao seu desenvolvimento pleno. Trata-se, portanto, das primeiras experiências poético-líricas oriundas, não raras vezes, da tradição oral, de acordo com María Emilia López (2018), que convertem o ato de cuidar e de suprir as necessidades vitais do bebê num jogo permeado pelo toque e pelo gesto corporal, mas também pela voz humana. Ana Margarida Ramos e Sara Reis da Silva (2014) sublinham a relevância do contacto, desde cedo, com as canções de berço ou cantigas de embalar, nestes primeiros meses, visto que

desde muito pequenas, mesmo antes de aprenderem a falar, as crianças já gostam de jogos de palminhas, de canções com gestos, de rimas e de pequenas histórias.

<sup>1</sup> Importa a este respeito lembrar que «a sensibilidade da criança à voz humana remonta à vida intra-uterina» (Vauclair, 2008, p. 243).

É a componente oral, rítmica e melódica dos textos que primeiro as atrai e é importante que esta ligação precoce seja estimulada desde muito cedo (2014, p. 156).

Também Maria José Costa (1992) chama a atenção para a importância do contacto, desde o berço, com este “continente poético esquecido”. Assim, as primeiras figuras mediadoras adultas devem ir alimentando estes laços e conexões afetivas através de um repertório sonoro, visual (se pensarmos na relevância dos dedos das mãos e do rosto do adulto, por exemplo) e lúdico, pois

el baño melódico (la voz humana y la del padre, sus canciones, la música propia de sus entonaciones) pone a disposición del bebé un primer *espejo sonoro* que él utiliza primero dando gritos (esos es lo que es capaz de producir voluntariamente, y que la voz amada tranquiliza como respuesta), luego con sus gorjeos y finalmente con sus juegos de lenguaje) (2018, p. 42).

Tendo em atenção a relevância de que se revestem as ações verbais e os movimentos corporais da figura adulta, bem como as suas reações visuais, junto da criança, torna-se evidente que, nesta fase precoce, «(...) a palavra pouca significação tem, sem a acção que a acompanha» (p. 87), como frisa Irene Lézine (1985). Ainda a este respeito e de modo a esclarecer a natureza destes primeiros circuitos dialógicos, a estudiosa aproveita para recuperar as palavras de J. de Ajuriaguerra (1953),

a criança vive num mundo sonoro, mas também num mundo visual em que o outro é actor, é no outro que procura a confirmação do que julga compreender, e é no seu corpo que vive a satisfação da realização do diálogo. O corpo da criança está sempre presente algures, relativamente ao seu interlocutor situado igualmente algures. As palavras do outro são suas logo que o outro as pronuncia. A expressão mimogestual do outro é já uma linguagem, a atitude do corpo da criança é já recepção (as cited in Lézine, 1985, p. 87).

O interesse genuíno do adulto, a disponibilidade para ouvir, para responder e fazer participar o bebé através de estímulos sonoros, mas também motores e manipulatórios com os objetos, em momentos informais como as refeições, a hora do banho, o vestir, entre outros, favorecem o desenvolvimento verbal da criança. Como tal, parece-nos, pois, fundamental que, como afirma a autora do volume *Primeira Infância*, «tanto na família como nas colectividades de crianças, tudo haverá que ser feito para favorecer o contacto verbal da criança com o adulto, e isso principalmente ao nível das rotinas quotidianas» (Lézine, 1985, p. 107).

Do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, podemos dizer que, até ao final do período sensório-motor, estamos perante uma pré-linguagem exclamativa, emocional e mimogestual, segundo Irène Lézine (1985). Por conseguinte, Jacques Vauclair, em *Desenvolvimento da Criança: do nascimento aos dois anos* (2008), considera que

a produção da fala começa, a partir dos 3 meses, com o palrar que é hoje considerado como uma produção linguística de direito próprio. Esta actividade

assume formas cada vez mais complexas para chegar por volta dos 12 meses em média, à produção das primeiras palavras. O léxico pode desenvolver-se em seguida, primeiro lentamente, depois, através de uma fase de aceleração, chamada explosão lexical, por volta dos 18-20 meses. Nesse período, o uso das palavras diz principalmente respeito aos nomes. No entanto, o vocabulário da criança modifica-se de forma significativa depois dos 20 meses, quando ela já adquiriu uma centena de palavras. A natureza do seu vocabulário muda e os predicados (verbos e adjectivos) aumentam e depois, um pouco mais tarde, os termos relacionais (palavras-ferramentas) (p. 243).

A aproximação ao livro, enquanto alimento do imaginário e atividade geradora de bem-estar familiar (Barros, 2022), mas igualmente como oportunidade de conhecer as convenções sobre os materiais impressos, de aprendizagem informal de conhecimentos básicos e de aquisição de vocabulário, desde os primeiros meses de vida, deve reger-se sob o princípio do prazer, da sedução e da liberdade lúdica (alusivos à motivação, aos afetos e à emoção) e pautar-se de acordo com o ritmo, o gosto e o temperamento do bebé (Moreira & Ribeiro, 2008). A intimidade e o afeto das relações familiares devem modelar as práticas de leitura informal junto/com (d)o bebé, assumindo-se estas como momentos de afetividade e de contacto físico próximo, no qual todos os membros (como, por exemplo, outros filhos) podem espontaneamente participar. Importa, deste modo, que o comportamento do adulto não seja intransigente ou rígido, nestas ocasiões, para que a criança não julgue que as suas ideias, perceções ou reações em relação à leitura são desvalorizadas. Num clima sem imposições ou constrangimentos que possam suscitar o medo de errar ou a frustração da criança, facilmente um bebé que, primeiramente, é convidado, no colo do adulto, a ver virar as páginas desse artefacto vai tomar a iniciativa de assumir o controlo dessa atividade, como defende María Emilia López, pois «(...) el problema no es de ellos sino de los adultos que intentamos imponer algunas pautas por fuer de la idiosincrasia del bebé» (López, 2018, p. 112). Estes momentos especiais de interação familiar, mediados pelo livro, não comportam, portanto, uma única metodologia de leitura, como sublinhado por Maria da Fátima Moreira e Iolanda Ribeiro,

(...) podendo passar pela pura manipulação e observação dos livros, pela leitura simples ou pela leitura guiada por questões. Este tipo de atitude aproxima-se de uma atitude de exploração e experimentação em que a criança como que se vai apercebendo de que o livro é um objecto diferente do brinquedo, ao qual se vai afeiçoando. (2008, p. 56).

Postura idêntica apresentam Ana Margarida Ramos e Sara Reis da Silva (2014), no estudo supracitado, “Leitura do Berço ao Recreio – Estratégias de Promoção da Leitura com Bebés”, admitindo que independentemente do nível de complexidade cognitiva, estas práticas de leitura «(...) podem apenas centrar-se na descodificação de signos e na confirmação de expectativas, ou pressupor a realização de inferências. A avaliação, de tipo estético, ou o questionamento crítico são outras abordagens possíveis» (Ramos e Silva, 2014, p. 152). O mais relevante destes contactos inaugurais com este objeto cultural passa pela sedimentação de rotinas agradáveis e promotoras de afeição e estima, em última instância,

(...) a ideia é que as motivações externas da leitura (a atenção dos adultos, a situação de jogo, os reforços afetivos dos pais) passem a motivações internas (o prazer de ler por ler), colaborando na construção [que se reconhece como gradativa, morosa e exigente] de leitores autónomos (Ramos e Silva, 2014, p. 151).

Importa talvez lembrar que a edição que tem no bebé o seu potencial destinatário irá conhecer um desenvolvimento mais significativo, sobretudo a partir da década de 90 do século passado, segundo Sophie Van der Linden, uma vez que «avant cela, le public n'était pas encore totalement convaincu de l'intérêt de lire aux bébés» (2021, p. 188). Hoje, todavia, é reconhecida a relevância afetiva, intelectual e no que se refere a um desenvolvimento psicológico harmonioso da leitura mediada e da manipulação autónoma de livros dispostos ao livre acesso do bebé, ainda no berço, por forma a «(...) installer un rituel de lecture le soir avant le coucher, tous ces gestes vont constituer des apports déterminants au bien-être des nouveau-nés (...)» (Linden, 2021, p. 188).

## 2 PRIMEIRAS LEITURAS FORMATIVAS: A COR PARA PRÉ-LEITORES

A ampla variedade formal e temática que enforma a literatura infantil contemporânea dirigida à primeira infância é um dos aspetos assinalados por María Emilia López, no volume que vimos de citar, ou seja, em *Un pájaro de aire: la formación de los bibliotecarios y la lectura en la primera infancia*, estudo onde não deixa também de destacar as dificuldades que as tentativas rígidas de categorização podem acarretar

(...) a sabiendas de que la distinción entre géneros nunca es pura, que siempre existirán cruces entre ellos: los libros informativos también son estéticos y en muchos casos con tratamientos artísticos más que interesantes (¿entonces son libros de arte?) (...) también hay libros que desafían todos los géneros y los llamamos “los inclasificables”. Los niños con los que trabajo cotidianamente construyen sus propias clasificaciones, que desbaratan hasta los cánones de la literatura infantil. En todo caso, lo más importante de señalar es que en esa variedad reside parte de la riqueza de un acervo (2018, p. 91)

A respeito da edição de cariz eminentemente objetivo, vertente na qual se inserem os livros que elegemos analisar, projetada para a assimilação dos primeiros conceitos e aprendizagens, Sara Reis da Silva destaca, no capítulo intitulado «Livros Formativos para Pré-leitores: Palavras (e)numeradas, Palavras Contadas», as potencialidades decorrentes da sua exploração, encarando-os como

fundamentais do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem oral, do desenvolvimento da percepção e relacionamento entre imagens e palavras e, até, do conhecimento do mundo, os livros sobre os quais centrámos este estudo, serão tanto mais formativos, a vários títulos, quanto mais forem colocados em conjunto e a par de outros verbal, visual ou graficamente distintos (2014, p. 52).

Mas a hesitação terminológica apontada por María Emilia López é também sublinhada neste estudo de Sara Reis da Silva (2014), onde, por exemplo, se retoma o termo «Imagiários». Avançado inicialmente por Teresa Duran (2002), em *Leer antes de saber Leer* a respeito dos livros de imagens que fazem parte da oferta dirigida a crianças dos 0 aos 6 anos de idade, os «libros de imágenes» são caracterizados por Amàlia Ramoneda (2019) como

(...) libros en los que el niño reconoce objetos o acciones (prendas de vestir, alimentos, etc.), situaciones familiares o cercanas (miembros de la familia o visitas al médico, entre otros) y elementos afectivos (juguetes, animales, chupete, etc.). Esta tipología amplía campos semánticos y vocabulario, pues se muestran imágenes de una realidad que el niño identifica con su vida cotidiana. No hay narración, únicamente una palabra o un verbo que define la acción o que denomina el elemento destacado (...) (p. 69).

Para Denise Escarpit (2008), os «imagiers» podem ser considerados livros pré-documentário que iniciam a criança, através da dimensão visual, na leitura do mundo, sublinhando a dimensão estática e precisa destas primeiras ilustrações de formas e objetos próximos do quotidiano do bebé. Ainda assim, a poesia e o humor podem ser atributos definidores destes volumes, não obstante o facto da abordagem contida, objetiva ou sintética se distinguir igualmente como válida para as publicações que aliam uma leitura eferente a uma índole artística ou estética (Linden, 2021). De qualquer modo, importa, como menciona a referida estudiosa, lembrar que

(...) il y a des limites à cette expression très personnelle des artistes: ils doivent tenir compte de la capacité de l'enfant à "décoder" l'image, à en "lire" les traits sémantiques caractéristiques; or cela dépend de ses référents, variables selon son milieu familial ou environnemental (Escarpit, 2008, p. 336).

Assim, nestes primeiros volumes, podemos encontrar conexões formais e temáticas, como dissemos, e um certo hibridismo entre publicações com terminologias distintas, sendo comum o recurso a designações como livros de não ficção, livros-documentário ou livros informativos, estes últimos definidos por Amàlia Ramoneda (2019) como

(...) los primeros libros de conocimientos, informativos o documentales: los que nos cuentan las cosas como son y el mundo que nos rodea. En este apartado podemos encontrar libros de conceptos, por ejemplo, espaciales, o de percepción visual (...) libros numerarios (...) (p. 74).

Nestes livros de conhecimento projetados para a apropriação de saberes através da sua segmentação ou categorização ao longo de um número contido de páginas, com uma distribuição gráfica cuidadosamente ordenada e desprovida de elementos irrelevantes, o discurso pictórico ocupa um lugar primordial, conforme destacado por Ana Garralón (2013). Como resultado, a sua leitura não exige, na maioria das vezes, uma consulta sequenciada invariável, já que «al no tener un orden continuado, la doble página permite saltar de una a otra, como si estuviéramos haciendo *zapping*. Visualmente producen un efecto de mucha excitación (...)» (Garralón, 2013, p. 162). Mas importa recordar, como sublinha Denise Escarpit (2008), que os livros-documentário facultam um

olhar informativo sobre a realidade através de uma abordagem dialógica com os conhecimentos já adquiridos previamente pelo leitor, dentro de um determinado contexto espacial e/ou temporal, tendo em vista a apreensão cultural e o despertar da curiosidade. O discurso pictórico composto por ilustração de fácil legibilidade ou com recurso à fotografia e uma organização gráfica e formal, competente e séria destes volumes, tornam o saber claro e inteligível e ajudam o leitor a orientar-se na leitura, ao mesmo tempo que não fecham a porta à imaginação e à apresentação de perspectivas que lhe possam ser desconhecidas. Desta forma, o discurso imagético disposto gradualmente e passível de ser apreendido ao ritmo de cada leitor faculta tempo para a identificação e compreensão dos conceitos do universo próximo da criança, de um modo menos intrincado e caótico, como, muitas vezes, o mundo exterior se dá a ver aos olhos do bebé (Colomer, 2005). Denise Escarpit releva, de igual modo, a primazia do pragmatismo destas primeiras imagens fotográficas ou ilustrações pensadas para bebés, explicando que

la première étape de l'apprentissage de l'image, représentation symbolique du monde, se fait par l'imagier qui présente, dans un style « réaliste », des images séparées, composées d'un seul élément, sans lien entre elles, chacune correspondant à un mot. En général, dans les imagiers, à un signifiant correspond un seule signifié; il y a volonté de dénotation car l'enfant qui n'a de références culturelles que celles acquises dans son entourage immédiat doit pouvoir trouver des référents dans son environnement quotidien. C'est donc de l'environnement immédiat (famille, maison, crèche, rue, jardin) que doivent naître les thèmes (Escarpit, 2008, p. 327).

Não obstante, para María Emilia López, o pressuposto de uma natural atração dos mais pequenos por ilustrações realistas e figurativas (menos afetos à ausência ou a uma presença exígua da palavra, em muitos destes livros, do que muitos mediadores adultos), a seu ver, não pode ignorar o facto de que «los niños pequeños son naturalmente surrealistas, tienen la capacidad de establecer lógicas alternativas a partir de la libertad con que circulan sus imágenes mentales y asociaciones» (López, 2018, p. 96). A exploração de relações de intertextualidade, assim como a apresentação de imagens metafóricas e de enunciados visuais menos estereotipados deve, portanto, fazer parte do acervo a que a criança tem acesso, na visão que a autora nos expõe, já que

su propio pensamiento es fuertemente intertextual, por eso lo que algunos adultos leen como "imagen caótica" o sobrecargada de información, para los niños es una lectura no solo posible sino muchas más sencilla de lo que imaginamos desde nuestros modos de pensar y leer imágenes, ya bastante más organizados y a veces muy formateados perceptivamente. (López, 2018, p. 96).

Se, em muitos dos casos, as fotografias destes primeiros livros para bebés não se socorrem de técnicas como a fotomontagem ou de outras estratégias imagéticas que suscitam uma interpretação mais aberta ou subjetiva, noutras publicações mais pontuais, a curiosidade, a sensibilidade da observação, a surpresa e a expressão estética e imaginativa são ingredientes que diferenciam os volumes em apreço da restante oferta editorial (Garraón, 2013). A este respeito,



merece destaque o pioneirismo, a originalidade e o olhar desconcertante do legado para a infância deixado pela fotógrafa americana Tana Hoban (1917-2006), destacando-se, dentro da temática das cores, os volumes *Red, Blue, Yellow Shoe Board Book* (1986); *Colors Everywhere* (1995); *Of Colors and Things* (8.ª ed.; 1996) ou *White on Black* (1993), todos editados pela Greenwillow Books (New York), bem como *Black on White* (1993), uma publicação da Harper Collins Publishers (New York). Parece-nos, portanto, essencial que os criadores deste tipo de livro dedicado à divulgação de saberes factuais, além de uma admirável capacidade de síntese de um conhecimento, por vezes, especializado ou científico, não prescindam das suas competências imaginativas, como alega Ana Garralón, já que

(...) el esfuerzo imaginativo que necesita un científico es más o menos el mismo que necesita un niño cuando abre un libro: va a conocer algo que nunca había visto antes, y va a necesitar conectarlo con la información previa que tenía sobre el tema. Para que un lector tenga éxito con un texto, debe ser sensible al contexto en el que el autor propone su texto. (Garralón, 2013, p. 172).

As cores correspondem a um dos conteúdos mais assíduos na edição para a infância de natureza instrutiva pelo que teceremos, de seguida, algumas considerações acerca desta temática para, posteriormente, avançarmos com a análise de um *corpus* exemplificativo.

Como demonstrámos num outro contexto (Martins & Silva, 2021), a sintaxe básica da imagem tem na cor o seu elemento visual mais expressivo. O fenómeno cromático corresponde a uma criação cultural subjetiva, apenas atestado pela interação entre uma luz, um objeto recetor da radiação luminosa e um observador (entidade descodificadora) (St Clair, 2016). Assim sendo, os objetos, na verdade, não possuem cor, já que absorvem ou refletem diferentes longitudes de onda, que o nosso cérebro interpreta, a através dos nossos olhos, como um determinado matiz. Como tem sido demonstrado por vários estudiosos da cor, entre os quais Kassia St Clair, «(...) the colour we perceive an object to be is precisely the colour *it isn't*: that is, the segment of the spectrum that is being reflet away». (2016, p. 13).

Nem todos somos iguais em termos de capacidade de ver as cores. Variável de indivíduo para indivíduo, a cor, enquanto percepção visual e psicológica, envolve reações biológicas e/ou comportamentos inconscientes vivenciados fisicamente, respostas transversais ou heterogéneas entre sociedades geográfica e cronologicamente distintas, tendências momentâneas, preferências pessoais ou de género ou, ainda, moldáveis por grupo etário, entre outras, de difícil quantificação ou objetividade.

A cor pode ser imaterial (cor-luz) ou material (cor-pigmento), sendo a primeira referente ao sistema aditivo e o segundo caso à síntese subtrativa. Desta forma, qualquer reflexão em torno desta temática, bem como uma aplicação consciente da cor na comunicação visual, e, neste caso particular, no objeto livro, exige um conhecimento inicial das propriedades físicas da cor, uma vez que perante a ausência de luz todo o processo de decifração e de identificação das cores é posto em causa. Como esclarece Victoria Finlay (2013),



existen varias causas “físicas” del color, pero una con la que todos estamos familiarizados es el arco iris, que se forma en el cielo cuando la luz rebota en las gotas de lluvia y se divide – lo que se llama “refracción” – en sus distintas longitudes de onda. (p. 25).

Todavía, para além desta vertente alheia à ação do ser humano, é, ainda, necessária a compreensão dos aspetos fisiológicos e perceptivos, isto é, a compreensão do modo de decifração das cores e dos seus efeitos de contaminação resultantes da relação de vizinhança entre cores adjacentes. A nossa perceção de cor decorre da maneira como os nossos cérebros processam as informações fornecidas inicialmente pelos cones, presentes na retina. Os cones são um dos dois tipos de células fotorreceptoras que convertem as radiações luminosas em impulsos elétricos e nervosos. À medida que anoitece, ou perante condições de baixa luminosidade, os bastonetes, o outro grupo de células fotossensíveis, tornam-se essenciais à nossa visão. De entre estes dois tipos de células apenas os cones são responsáveis pela visão colorida. Embora cada tipo de cone seja especializado numa determinada cor, está também recetivo às cores adjacentes no espectro. Por conseguinte, o cérebro consegue triangular (por comparação e não por mistura ou adição) a informação que vem dos três tipos de cones para calcular a cor que estamos a ver a cada momento (Falcinelli, 2019).

Mas à cor é atribuído, igualmente, um vasto conjunto de significados simbólicos e culturais alguns dos quais perenes, sendo outros mutáveis, de acordo com o contexto geográfico e as vivências de uma determinada sociedade, segundo os tempos (Pastoureau, 1997). Assim, como regista Ricardo Falcinelli,

en la sociedad actual, el color no es una sensación ni una mera característica de las cosas; el color es con frecuencia una idea o una expectativa. Eso significa que algunos colores se identifican tanto con los objetos que es difícil pensar en estos de otra forma. (2019, p. 7).

Amplamente estudada desde a Antiguidade, a partir de um ponto de vista filosófico, será, na verdade, com Isaac Newton (1642-1727) que a luz e a cor adquirem um cariz científico, objetivo e controlável, a partir de diversas experiências realizadas com prismas que permitem refratar e recompor a luz branca do sol. Aliás, para Victoria Finlay (2013), entre outros especialistas com uma visão idêntica, a principal novidade reside nesta segunda operação, «(...) su genialidad consistió en colocar el segundo prisma boca abajo, de forma que la luz multicolor lo atravesara. Y descubrió que en esta ocasión el arco iris desaparecía y se reconstruía la luz blanca». (Finlay, 2023, p. 25). Desta visão inovadora resulta, por conseguinte, uma nova ordenação cromática que colocará em causa a ordem aristotélica vigente até à data. Deste modo, como nos explica o historiador francês Michel Pastoureau, autor de vários livros sobre o fenómeno cromático, alguns dos quais recentemente traduzidos para língua portuguesa pela Orfeu Negro (2014; 2016; 2019a; 2019b; 2023),

(...) o vermelho já não se situa no centro da sequência, mas sim na sua extremidade; o verde vem entre o amarelo e o azul, confirmando, assim, o que

pintores e tintureiros faziam havia várias décadas: era possível produzir verde misturando amarelo e azul. Mas, sobretudo, deixa de haver lugar, nesta nova ordem das cores, para o preto e para o branco. Isso constitui uma revolução: o preto e o branco já não são cores (2014, p. 205).

Ora, este e outros novos avanços científicos, já no século seguinte, dados a conhecer, por exemplo, por Jakob Christoffel Le Blon (1667-1741), conhecido pelo desenvolvimento da impressão em quadricromia (o sistema CMYK), que permite a reprodução a cores de gravuras até aí limitadas à tinta preta e ao branco do papel e «que prepara terreno para a futura teoria das cores primárias e complementares» (Pastoureau, 2014, p. 212), terão repercussões na vida quotidiana dos anos seguintes. Desta forma, pela sua índole transdisciplinar, o estudo da cor exige não apenas uma aproximação científica, mas também, por exemplo, a atenção a saberes da tinturaria, da pintura, dos códigos de vestuário, dos princípios morais e hierárquicos de uma dada sociedade, entre outros. Não vemos as cores isoladamente, mas sim ligadas a objetos. Assim, os significados e os efeitos de uma cor dependem das diversas utilizações que lhe damos (Falcinelli, 2019). Percebe-se, portanto, que a cultura e a vivência social condicionam a perceção cromática, dado que as cores são identificadas e decodificadas pelo ser humano numa relação visceral com a sua utilização/aplicação num determinado objeto ou contexto. Assim, autores dedicados à didática do design e da imagem salientam o facto de que

el color es un elemento polisémico de comunicación imposible de ser interpretado de forma unívoca y universal. (Cubeiro, 2022, p. 176).

Ora, os volumes que enformam o nosso *corpus* denotam claras preocupações no sentido de procurar traduzir de modo lúdico, visualmente estimulante, mas também concreto e/ou acessível um fenómeno, à partida, complexo e subjetivo como é a cor. Apesar de arquitetados em torno de uma acentuada carga imagética, permeada pelo humor e pelo desafio, que servem de ponto de partida para uma conversa, os livros que compõem o *corpus* textual deste estudo apresentam um parco discurso textual que serve de guia, muito simples, ao leitor. Como avança Ana Garralón, os leitores emergentes «(...) gustan los libros donde reconocen cosas (abecedarios, libros de objetos), y comienzan sus primeras operaciones de comparar y contrastar» (2013, p. 206). Para isso, estes livros de imagens ou das primeiras representações tiram partido de comparações, de analogias, de metáforas visuais [recurso visual que aproveita as relações formais e conceptuais para representar um outro significado] similares às presentes no discurso linguístico que buscam, na realidade envolvente e conhecida dos mais pequenos, de semelhanças, de modo a que «(...) se hace concreto y conocido lo que parece lejano y abstracto» (Garralón, 2013, p. 112). Com a leitura dos mesmos, procura-se estimular, nos mais pequenos, um olhar atento e analítico do dia-a-dia, já que o destinatário extratextual pode assinalar/apontar e nomear as imagens, potenciando-se classificações, comparações, deduções, o avançar de hipóteses de interpretação cruciais para um futuro pensamento crítico e essenciais em qualquer processo de sensibilização do olhar ou de educação para a imagem. A seleção do *corpus* procurou, como tal, omitir publicações cuja dimensão imagética evidenciasse simplicismo verbo-icónico, privilegiando-se obras cuja relação

entre texto e imagem se mostra fértil no sentido da construção e da associação de novos pontos de vista estéticos.

### 3 ANÁLISE DO CORPUS TEXTUAL

Assinados por Aurore Petit, uma jovem ilustradora francesa, autora única do volume *A minha mãe é como uma casa*, traduzido em 2021 pela Bruáa Editora, ou ainda do divertido livro *O Piolho Sabe Que*, com texto de Mathis, uma tradução portuguesa da Orfeu Negro, alguns títulos da coleção «Des petits pop-up pour les petits mains»<sup>2</sup> serão, de seguida, analisados. Editada, pela primeira vez, em 2022, pelas Éditions de La Martinière, esta coleção é composta por um total de 10 volumes: *Vert* [Verde] POP; *Rouge* [Vermelho] POP; *Rose* [Rosa] POP; *Jaune* [Amarelo] POP; *Bleu* [Azul] POP; *Blanc* [Branco] POP; *Orange* [Laranja] POP; *Noir* [Preto] POP; *Or* [Dourado] POP; *Argent* [Prateado] POP.

Arquitetados num formato quadrangular reduzido, de 10x10cm, cartonado, resistente e de cantos redondos, estes livros de conceitos são compostos por um total de seis duplas páginas cada. Cada ilustração retrata um significado associativo, ou até cultural, da cor avançada no título, sobre um fundo uniforme e, na maioria das vezes, branco, seguindo, assim, uma visão idêntica à exposta por Denise Escarpit (2008), anteriormente mencionada. Deste modo, o objeto, animal ou personagem ilustrados tornam-se facilmente legíveis, dado que a dimensão limitada do formato exige uma representação central, contrastante e clara do elemento visual, definido maioritariamente por uma mancha de cor, complementada por pequenas linhas fluídas e expressivas a preto que adicionam texturas (em folhas, na barba, na casca do limão), pontilhados (como as sardas do rosto, a pele do extraterrestre ou, ainda, as asas de uma joaninha), determinam silhuetas ou dão mais informação acerca de cada cenário (estrelas da noite, água de rios, entre outros).

Contudo, aliada a uma inegável natureza pedagógica, esta série destaca-se sobretudo por uma intencionalidade artística inovadora, se atentarmos no modo como é explorada a característica dobra em V dos mecanismos *pop-up*. Assim, ao virar da página, o leitor é continuamente surpreendido pelo relevo das ilustrações que permitem a abertura da boca da baleia cuidadosamente camuflada sobre o azul do mar, a simulação do salto de um pequeno personagem infantil que exhibe uns jeans azuis (figura 1), ou o aparecimento de um avião, parcialmente escondido pelas nuvens no céu, no livro *Bleu POP*.

<sup>2</sup> Para esta análise, foram consultados alguns volumes, em língua espanhola, de 2022 (*Rojo, Amarillo, Verde*).



Figura 1: *Bleu POP* (2023), de Aurore Petit.

Por vezes, as ilustrações saltam os limites da página como sucede na representação amarela da lua, no volume *Amarillo POP*, ou no morcego de cabeça para baixo, na última ilustração referente à noite, no livro *Noir POP*, ou, ainda, na representação do verde da natureza, no livro dedicado a esta cor, bem como pelo cabelo descolorido de uma velhinha já no volume *Blanc POP*.

Ainda no livro acerca da cor verde, observa-se também a grande boca de um crocodilo e somos igualmente surpreendidos pela descoberta de um pequeno muco verde escondido no interior de um nariz. Por vezes, o recurso a dobras de forma idênticas, mas de tamanho crescente, permite simular três andares de um bolo de aniversário. Noutros casos, através de sucessivas tiras de papel amarelas similares, coladas de forma a completar um arco de 180º, recordam-se os comprimentos de onda da luz. Aliando tridimensionalidade, interatividade, movimento e uma simplicidade expressiva, que estrategicamente mistura elementos ficcionais (como os personagens do ninja ou da bruxa, no livro *Noir POP*) (figura 2) e factuais, esta é, sem dúvida, uma série cativante ao olhar dos mais pequenos, leitores para quem o mundo imaginário e a realidade são universos facilmente mutáveis.



Figura 2: *Noir POP* (2023), de Aurore Petit.

Propomos, ainda, uma leitura do volume *Rouge* (2018), de Marc Pouyet, inscrito na coleção «P'tit Land Art» (figura 3), das Éditions de la Salamandre. O reconhecido artista plástico e autor de vários livros de imagens para a infância, alguns dos quais dedicados às transformações inerentes às estações do ano (vejam-se os títulos da mesma coleção *Automne*, *Hiver*, *Printemps* e *Été*, editados em 2013), serve-se da composição fotográfica para encetar nos seus leitores um olhar

atento sobre a realidade circundante. As suas fotografias captam a atenção dos leitores “tout-petits... et les parents aussi!”, como registado na contracapa do livro em análise, pelo modo como explora as formas, as texturas e os contrastes entre os constituintes da natureza, transformando-os em artefactos estéticos singulares. O leitor é convidado a admirar um conjunto de composições construídas com inteligência e imaginação, presentes a cada página ímpar, no volume em causa, numa distribuição síncrona com um elemento da natureza apresentado sobre um fundo branco, em destaque, na página par. A título de exemplo, refira-se a representação da flor da papoila e o modo como o registo fotográfico do pavimento de uma rua e de uma tampa da canalização da água permitem identificar semelhanças entre ambos (figura 4).

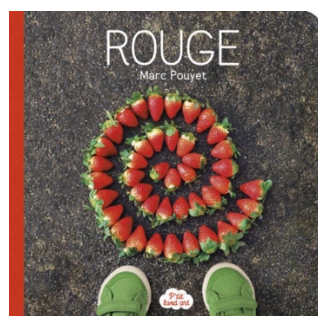


Figura 3: *Rouge* (2018), by Marc Pouyet.



Figura 4: Details from *Rouge* (2018), by Marc Pouyet.

Fugindo à arquitetura mais corrente dos imagiários, sem, ainda assim, deixar de cumprir o seu papel formativo e fidedigno de divulgação de um conjunto de alimentos, minerais ou flores distintos pela sua cor vermelha, devidamente legendados, este ilustrador procura suscitar no leitor outras leituras, bem como sensibilizar os mais pequenos para a beleza do equilíbrio, da simplicidade e da estabilidade das formas naturais (figura 5). O detalhe, a volumetria, o jogo de escalas, a fusão entre luzes e sombras, plasmados nas texturas dos materiais registados, apesar de realistas, auferem de uma inegável qualidade artística e dramática, pelo que a seleção do contexto, a delimitação do enquadramento ou a depuração dos rasgos mais marcantes de cada elemento representado não são deixados ao acaso. Volumes como este, a par de outros, tais como *Noir* (2014), *Jaune* (2014) ou *Jardin* (2014), suscitam a simpatia dos leitores ao descobrirem que, ao virar da página, são capazes de encontrar uma mensagem visual que a outros possa ter escapado.

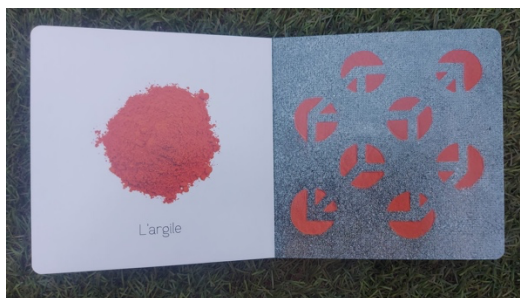


Figura 5: Details from *Rouge* (2018), by Marc Pouyet.

Finalizamos esta análise com uma publicação que se serve da estranheza e da incongruência como veículo humorístico e como convite à discriminação imagética, tal como o título inusitado faz prever: *Bleu comme une banane*, de Delphine Chedru (figura 6). Nesta proposta das Éditions Nathan, vinda a lume em 2023, o destinatário extratextual está perante um jogo de descoberta do elemento intruso, isto é, da figura cuja coloração é diferente das demais agrupadas a cada dupla página. A representação estilizada e a semelhança cromática dos diferentes grupos de elementos ilustrados tornam o repto avançado na contracapa – «Dans ce «cherche et trouve» sur les couleurs des images correspondent à chaque couleur. Mais dans chaque page, un intrus s'est caché. Ouvre l'œil et débusque l'objet qui n'est pas dans sa couleur naturelle.» – mais laborioso, exigindo uma leitura atenta e pausada das imagens, que não se esgota numa única consulta (figura 7).

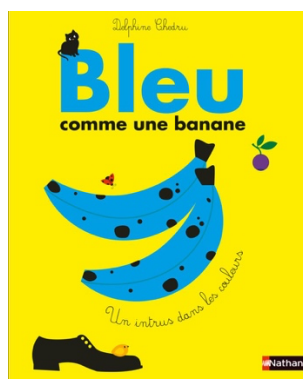


Figura 6: *Bleu comme une banane* (2023), by Delphine Chedru.





Figura 7: Details from *Bleu comme une banane* (2023), by Delphine Chedru.

Mas conceitos como o das cores primárias e secundárias, cores quentes, cores frias, a par de outras qualificações como pontilhado e degradé, entre outros, são, igualmente, explorados neste livro de grande formato. Como tal, recomenda-se uma leitura mediada, na qual a partilha e o diálogo entre a criança e adulto poderão atestar a visão avançada por Maria Emilia López de que, apesar da resistência de certos mediadores diante de um livro “mudo”, o potencial narrativo das ilustrações «(...) sorprende observar, si uno se detiene a hacer un seguimiento de sus lecturas, la cantidad de elementos que ellos descubren antes que un adulto en determinadas ilustraciones, o cómo relacionan elementos aparentemente inconexos para la mirada de su padre, madre, bibliotecario o maestro» (2018, p. 96).

#### 4 REFLEXÕES FINAIS

O interesse do bebé pela palavra e pela imagem, desde cedo, deve ser acolhido e encorajado pelos adultos que lhe são próximos, reconhecendo no livro uma forma de estar com o outro e um objeto de socialização. Como tal, o vínculo positivo e a confiança mútua dos diálogos introdutórios iniciados desde os primeiros meses de vida do bebé serão essenciais à aquisição e ao desenvolvimento sequente de competências verbais e de interpretação visual das ilustrações presentes na edição que lhe é potencialmente destinada. Da exposição teórica anterior perscrutase, igualmente, que a cor auferde de um forte impacto visual, ao ponto de provocar sentimentos e emoções, muitas vezes sem que dele tenhamos consciência, desencadeando reações instintivas e intuitivas em cada um de nós (Branco, 2022). Com efeito, parece-nos inequívoco a vários títulos que «el color es vida porque un mundo sin colores nos parece muerto» (Itten, 2020, p. 13).

Os livros analisados e a indagação expositiva avançada anteriormente denotam a pertinência da conexão entre a representação visual de cada imagem e o contexto que a rodeia, em estreita comparação com a realidade factual conhecida da criança. O livro de conceitos e/ou «l’imagier» pensados para a primeira infância despertam a construção do senso crítico da criança, o desenvolvimento da sua capacidade de abstração através da associação entre elementos (Escarpit, 2008). Aproximar os mais pequenos de um saber necessário à sensibilização estética e essencial à criação de qualquer mensagem visual, mas também potenciar a aquisição de



vocabulário parece mover os criadores destas edições. Nos livros selecionados, podemos verificar que o modo como cada criador exprime ou dá a ver ao leitor a temática das cores não se faz de modo neutro ou puramente objetivo, seguindo uma perspetiva similar à avançada por Ana Garralón que defende que «(...) muchos científicos se involucran personalmente en lo que dicen y transmiten su pasión» (2013, p. 69), aliando humor e ludicidade a uma intenção instrutiva.

Não obstante a evidente depuração e o aligeiramento do discurso linguístico e imagético alusivo a uma temática complexa e subjetiva, as obras em apreço promovem o contacto precoce, informal com o livro e o conceito das cores, sendo que a sua leitura pode ir além da mera nomeação dos elementos aí representados (cores, objetos, animais, ...), mas também motivar a identificação de outros objetos da realidade imediata e a apreensão gradual dos significados culturalmente conotados com uma determinada cor, que, com o passar do tempo, levarão a criança a aprender características comuns entre elementos que partilham a mesma cor e as aceções positivas e negativas atribuídas socialmente a cada matiz. A criança é, assim, inaugurada num jogo de observação de imagens e de descoberta, ainda, da palavra/conceito preciso e correto a cada virar de página. Potenciam, portanto, a partir de similaridades cromáticas, a procura de semelhanças, de analogias ou de deduções na realidade envolvente, ajudando, ainda, na definição de classificações de um modo divertido e cativante na primeira infância, estágio em cuja apreensão se processa de modo lúdico e sensorial. O mais importante passa, portanto, por encontrar um mediador que reconheça nestes objetos graficamente apelativos um importante aliado no processo de fomento do gosto pelo saber, que identifique na linguagem visual um veículo de conhecimento, capaz de recrear com sensibilidade e inteligência e de transformar o leitor. Terminamos, enfim, recuperando, uma vez mais, as palavras de Ana Garralón, em *Leer y Saber – los libros informativos para niños*:

muchos libros contemporáneos son lúdicas propuestas que motivan el trabajo con ello y son capaces de sorprendernos con sus informaciones. A veces basta leerlos con calma para reconocer sus posibilidades y saber que podemos compartir con los niños el entusiasmo que nos ha suscitado. (2013, p. 226).

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barros, L. (2022). *Crianças Leitoras Famílias Felizes*. Opera Omnia.

Branco, R. (2022). *As Cores das Coisas: Viagem pela Natureza e pelos Objetos*. Contraponto Editores.

Colomer, T. (2005). *Andar entre libros: la Lectura literaria en la escuela*. Fondo de Cultura Económica.

Costa, M. J. (1992). *As Rimas Infantis - Um continente poético esquecido*. Porto Editora.

Cubeiro, C. (2022). *Manual de fundamentos del diseño gráfico: Fundamentos de la imagen gráfica y la comunicación visual*. Editorial Almuzara.

Delphine, C. (2023). *Bleu comme une banana*. Éditions Nathan.

Martins, D. & Silva, S. R. da (2021). Colours in object books for first readers. In Cristina Dias; Carla Santos; Luís Cardoso & Vanda Correia (Coords.), *Congresso Internacional sobre Literacias no Século XXI (ICCL2021) Livro de Atas* (pp. 76-88). Instituto Politécnico de Portalegre. <https://xxicl.ipportalegre.pt/wp-content/uploads/2021/12/ICCL-2021-Proceedings-Livro-de-Atas.pdf>

Duran, T. (2002). *Leer antes de saber Leer*. Anaya.

Escarpit, D. (2008). *La littérature de jeunesse: itinéraires d’hier à aujourd’hui*. Éditions Magnard.

Falcinelli, R. (2019). *Cromorama: Cómo el color transforma nuestra visión del mundo*. Taurus.

Farina, M. (1982). *Psicodinâmica das cores em comunicação*. Editora Edgard Blücher.

Finlay, V. (2023). *Color: Historia de la paleta cromática*. Capitán Swing Libros.

Garralón, A. (2013). *Leer y Saber – los libros informativos para niños*. Tarambana Libros.

Heller, E. (2012). *A Psicologia das Cores – Como as Cores afetam a Emoção e a Razão*. Editorial Gustavo Gili.

Hoban, T. (1986). *Red, Blue, Yellow Shoe Board Book*. Greenwillow Books.

Hoban, T. (1993). *Black on White*. Harper Collins Publishers.

Hoban, T. (1993). *White on Black*. Greenwillow Books.

Hoban, T. (1995). *Colors Everywhere*. Greenwillow Books.

Hoban, T. (1996). *Of Colors and Things* (8.ª ed.). Greenwillow Books.

Itten, J. (2020). *El Arte del Color: La experiencia subjetiva y el conocimiento objetivo como caminos para el arte*. Editorial Gustavo Gili.

Leborg, C. (2015). *Gramática Visual*. Gustavo Gili.

Lézine, I. (1985). *A Primeira Infância*. Livros Horizonte.

Linden, S. Van der (2021). *Tout sur la Littérature jeunesse de la petite enfance aux jeunes adultes*. Éditions Gallimard Jeunesse.

López, M. (2018). *Un pájaro de aire: la formación de los bibliotecarios y la lectura en la primera infancia*. Lugar Editorial.

Moreira, M. da F. & Ribeiro, I. (2008). Envolvimento parental na génese do desenvolvimento da literacia [Parental involvement in the genesis of literacy development]. In Iolanda Ribeiro; Fernanda Viana (Orgs.). *Dos leitores que Temos aos Leitores que Queremos – Ideias e projectos para promover a leitura* (pp. 43-74). Edições Almedina.

Pastoreau, M. (1997). *Dicionário das Cores do nosso Tempo - Simbólica e Sociedade*. Editorial Estampa.

Pastoreau, M. (2014). *Preto - História de uma Cor*. Orfeu Negro.

Pastoreau, M. (2016). *Azul - História de uma Cor*. Orfeu Negro.

Pastoreau, M. (2019). *Verde - História de uma Cor*. Orfeu Negro.

Pastoreau, M. (2019). *Vermelho - História de uma Cor*. Orfeu Negro.

Pastoreau, M. (2023). *Branco - História de uma Cor*. Orfeu Negro.

Petit, A. (2022). *Jaune POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, A. (2022). *Rose POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, A. (2022). *Rouge POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, A. (2022). *Vert POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, A. (2023). *Amarillo POP*. Combel Editorial.

Petit, A. (2023). *Blanc POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, A. (2023). *Bleu POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, Aurore (2023). *Noir POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, A. (2023). *Orange POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, A. (2023). *Rouge POP*. Combel Editorial.

Petit, A. (2023). *Verde POP*. Combel Editorial.

Petit, A. (2024). *Argent POP*. Éditions de La Martinière.

Petit, A. (2024). *Or POP*. Éditions de La Martinière.

Pouyet, M. (2013). *Automne*. Les Éditions de la Salamandre.

Pouyet, M. (2013). *Été*. Les Éditions de la Salamandre.

Pouyet, M. (2013). *Hiver*. Les Éditions de la Salamandre.

Pouyet, M. (2013). *Printemps*. Les Éditions de la Salamandre..

Pouyet, M. (2014). *Jardin*. Les Éditions de la Salamandre.

Pouyet, M. (2014). *Jaune*. Les Éditions de la Salamandre.

Pouyet, M. (2014). *Noir*. Les Éditions de la Salamandre.

Pouyet, M. (2018). *Rouge*. Les Éditions de la Salamandre.

Ramoneda, A. (2019). Los Libros: una Selección [Books: a selection]. In: Cristina Correro Iglesias & Neus Real Mercadal (coords.). *La Formación de lectores literarios en la Educación Infantil* (pp. 67-98). Ediciones Octaedro.

Ramos, A. M. & Silva, S. R. da (2014). Leitura do Berço ao Recreio – Estratégias de Promoção da Leitura com Bebés. In Iolanda Ribeiro & Fernanda Viana (Orgs.). *Ler para Ser – Os caminhos antes, durante e... depois de aprender a ler* (pp. 149-714). Edições Almedina.

Silva, S. R. da (2017). Livros Formativos para Pré-leitores: Palavras (e)numeradas, Palavras Contadas. In Ana Cristina MAcado; Marta Rodríguez & Sara Reis da Silva (coord.). *Primeiros Livros Primeiras Leituras – Primeiros Libros Primeiras Lecturas* (pp. 41-54). Tropelias & Companhia.

St Clair, K. (2016). *The Secret Lives of Colour: Cromorama*. John Murray Publishers.

Vauclair, J. (2008). *Desenvolvimento da criança do nascimento aos dois anos*. Instituto Piaget.

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT –Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Silva, S., & Martins, D. M. F. (2025). THE BOOK AND COLOURS DESIGNED FOR EARLY CHILDHOOD. HOLOS, 1(41). <https://doi.org/10.15628/holos.2025.18419>

#### SOBRE AS AUTORAS:

##### D. M. MARTINS

Escola Superior de Design do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (Barcelos, Portugal)  
Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Braga, Portugal)  
Doutora em Estudos da Criança – especialidade Literatura para a Infância; Professora-adjunta convidada do IPCA - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (Escola Superior de Design); Investigadora do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho.

E-mail: [dmmartins@ipca.pt](mailto:dmmartins@ipca.pt)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7463-8010>

##### S. R. DA SILVA

Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga, Portugal)  
Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Braga, Portugal)

Doutora em Estudos da Criança – especialidade Literatura para a Infância; Professora Auxiliar com Agregação do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga, Portugal); Professora nos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento do Instituto de Educação da Universidade do Minho; Investigadora do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) da Universidade do Minho; Membro da Rede Temática de Investigação LIJMI “Literatura Infantil e Juvenil do Marco Ibérico” (RED LIJMI) (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha).

E-mail: sara\_silva@ie.uminho.pt

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0041-728X>

**Editora Responsável:** Maura Costa Bezerra

**Pareceristas Ad Hoc:** Luís Miguel Dias Caetano e Mariana Passos Ramalhete



Submitted September 11, 2024

Accepted July 1, 2025

Published July 19, 2025